

Solovera, M. E. 1987: *Estudios sobre la historia económica de la Rioja romana*, Instituto de Estudios Riojanos, Logroño.

¹ Se trata de una marca intradecorativa, en un vaso que representa una carrera de circo, en el que también están inscritas dentro de una tabula ansata las iniciales CVV, por lo que se ha propuesto reconstruir el nombre Gaius Valerius Verdula, que considera es el mismo ceramista (*Gaius Valerius Verdullus*) célebre por sus vasos decorados de paredes finas y cuyo alfar se localiza en La Maja (Pradejón-Calahorra).

Duas marcas de oleiro em terra sigillata de tipo itálico, provenientes de Olisipo (Lisboa, Portugal)

André Gadanho*

João Abrantes**

*Mestre em Arqueologia; Investigador associado ao Museu Arqueológico Municipal do Fundão e Museu Municipal de Penamacor.

**Licenciado em Arqueologia

andre_gadanho@hotmail.com

joaopereiraabrantes@hotmail.com

A recente construção de um elevador público (“Elevador da Sé”), nas proximidades da Sé Catedral, em pleno coração do centro histórico da capital portuguesa, permitiu a realização de uma intervenção arqueológica nesta zona de Lisboa (Fig. 1). Esta foi desenvolvida pela empresa Empatia Arqueologia, Conservação & Restauro, sendo a EMEL (Empresa de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa) a promotora da obra, tendo resultado na identificação de vários contextos preservados de diferentes épocas.

A última fase destes trabalhos concentrou-se ao longo do percurso pedonal em escadaria designado “Escadinhas das Portas do Mar” - assim conhecido pela proximidade de dois acessos à cidade muralhada (“Cerca Velha”), que em tempos se abriam directamente para o rio Tejo. A rampa actual vence um forte desnível de cerca de 6 metros de altitude, numa extensão de 15 metros, que termina na base de um imponente muro de contenção de época Moderna – que serviu para um significativo alargamento do Adro da Sé. A escadaria pública intervenida, edificada em época Moderna,

surge implantada sobre um terreno previamente contido em período romano. A escavação permitiu perceber que, nessa época, o topo deste desnível se encontrava alguns metros mais a Norte, criando provavelmente um barranco que se precipitava sobre a margem do rio, permeável à erosão. A intervenção incidiu então sobre uma série de depósitos de aterro retidos por, pelo menos, duas estruturas de contenção dos terrenos e de travamento das rochas em desagregação da colina sobranceira à Catedral, que encontramos arrasadas pela escadaria e rampa de acesso à Sé. Nestes depósitos,

Figura 1. Localização do sítio em Lisboa e na Península Ibérica.



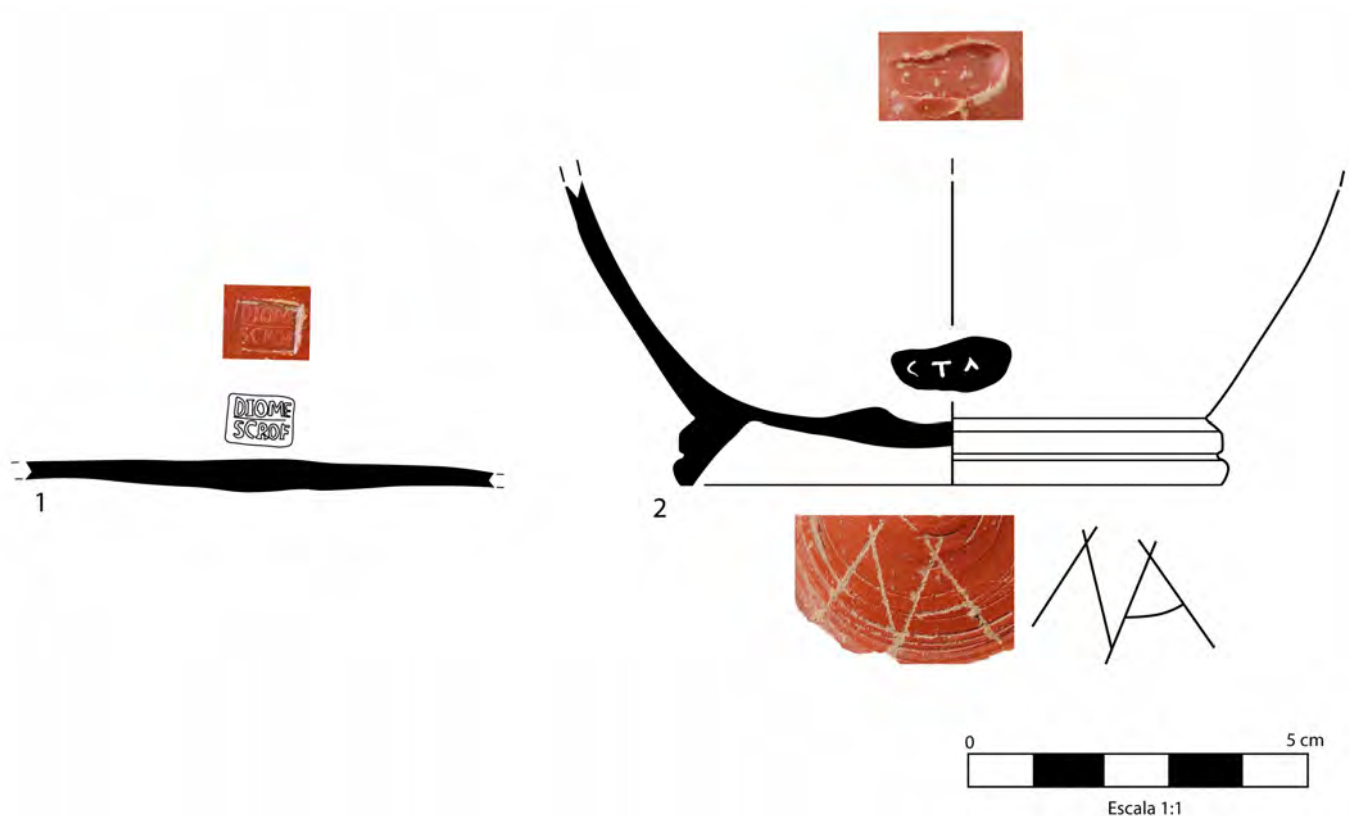


Figura 2. Exemplos referidos no texto.

que serão na sua maioria procedentes de áreas residenciais situadas nas proximidades, exumaram-se materiais de variadas tipologias, consistentemente datáveis dos séculos I e II d.C., nomeadamente restos de estuques pintados, ânforas e cerâmicas finas de produção Peninsular, bem como da Itália e Gália.

O espólio desta intervenção encontra-se ainda em fase de estudo, mas podemos para já destacar duas marcas de oleiro em *terra sigillata* de tipo itálico, pela singularidade da sua identificação em contexto Peninsular.

A primeira provém da unidade estratigráfica [07], um contexto de aterro onde se identificaram, além do exemplar com marca, apenas dois fragmentos de fundo de *sigillata* de tipo itálico: um do tipo *Consp. B.2.4.*, datável de meados do reinado de Augusto (Ettlinger *et Al.* 1990: 156), e outro sem atribuição tipológica. A marca, que

surge num fragmento de fundo de uma possível tigela ou copo (Fig. 2, nº 1), se tivermos em conta o seu reduzido diâmetro, consiste numa cartela rectangular do tipo bilinear, com uma fina linha a fazer uma separação horizontal entre as duas linhas de texto. Esta encontra-se completa e perfeitamente legível e, portanto, não apresenta problemas da maior quanto à sua leitura: na primeira linha temos *DIOME* e, por baixo, *SCROF*. Tratar-se-á de *Diomedes*, escravo de *A. Vibivs Scrofula*, para o qual o OCK apresenta três impressões muito idênticas ao nosso exemplar: 2411.18-20. Conseguimos, por exclusão de hipóteses, descartar o nº 20, devido à grafia do F, e o nº 18, por não apresentar as hastes horizontais no I. Podemos, portanto, estar perante o tipo 2411.19, correspondência que fazemos com algum grau de incerteza, já que a impressão patente nesta obra

se encontra incompleta. Na mesma propõe-se ainda Arezzo como o local da produção oleira de *Diomedes*, actividade que terá decorrido entre 20 e 5 a.C. (OCK 2000: 482). Além de Arezzo, encontramos paralelos para esta marca em Neuss (Alemanha) (OCK-CD-Rom, vasos nºs 35214 e 536, respectivamente). É ainda de referir, até ao presente momento, a existência de uma única marca de *Diomedes* no actual território português, mais precisamente no sítio do Caladinho (Redondo), embora a punção empregue neste exemplar, também ele um pequeno copo ou tigela, se distingua do nosso por apresentar um ramo de louro (Mataloto e Williams 2015: 20).

A outra marca foi identificada na unidade [51], que proporcionou mais material cerâmico que o contexto anterior. Destaca-se um perfil quase completo do tipo Drag. 17A em *sigillata* sud-

gálica, e um exemplar da forma Drag. 15/17B no mesmo fabrico, com cronologias propostas de produção para os períodos de 15 a 40/50 d.C. e 40/50 a 110 d.C., respectivamente (Genin *et al.* 2007: 331-333). A *terra sigillata* de tipo itálico está também presente neste contexto, através de um bordo da forma *Consp.* 26 (1ª metade do séc. I d.C.; Ettliger *et al.* 1990: 98) e um eventual fragmento de cálice. O último exemplar deste conjunto consiste num fundo de taça, cujo perfil do pé é semelhante ao tipo *Consp.* B.3.15 que, apesar deste ser característico de várias formas, a inclinação e perfil da parede remete para os tipos *Consp.* 31 ou 32 (*Idem.*: 160-161) (Fig. 2, nº 2). A marca, impressa no seu interior, tem a forma de *planta pedis*, o que lhe confere desde logo um *post quem* de cerca de 14 d.C. para a sua manufactura (*Idem.*: 147), estando assim em concordância com a cronologia tardo-augústea ou tibéria atribuída a ambas as formas (*Idem.*: 106-109). No interior da marca é possível fazer a leitura de três letras: um S truncado na parte inferior, um T, e um A sem haste horizontal. Fazendo uma pesquisa no OCK por *Sta*, verifica-se que não existe um paralelo exacto para esta impressão. A versão online desta obra, a base de dados *Samian Research*, em constante actualização através do contributo de números investigadores, também não devolveu nenhum resultado. É tentador atribuir esta marca a *Stab(ilio?)* (OCK nº 1986), oleiro atestado no centro produtor de La Muette (Lyon) mas, apesar da letra A apresentar a mesma grafia, a ausência de um B no fim da impressão levanta-nos algumas dúvidas nesta associação. Do mesmo modo, o *post quem* de 14 d.C. para este exemplar, como já foi referido, não coincide com a cronologia de 15-1 a.C. que é atribuída a este oleiro (OCK-CD-Rom, vaso nº 1486) e, para o qual, aliás,

não são conhecidas marcas em *planta pedis*. Apesar de La Muette escoar os seus produtos cerâmicos sobretudo para os acampamentos militares do *limes* germânico, não é de rejeitar a hipótese da existência de exemplares em *Olisipo*, uma problemática que também surgiu aquando da análise de um conjunto de *terra sigillata* proveniente de Santarém (Viegas 2003: 90). Poderá também corresponder a uma marca de um oleiro ainda não referenciado, ou uma nova impressão de um já documentado. Destacamos, por fim, a existência de um grafito na parte inferior do fundo, realizado posteriormente à sua produção, e que se poderá ler como *N.A.* ou *M.A* se tivermos em conta a geminação das duas letras.

Pretendemos assim com o presente texto dar a conhecer duas marcas de oleiro em *terra sigillata* de tipo itálico não conhecidas ainda em Lisboa. A marca de *Diomedes* surge pela primeira vez em *Olisipo*, juntando-se à lista dos oleiros aretinos já conhecidos na cidade e tornando-se na segunda punção conhecida deste oleiro na *Lusitania*, a par do exemplar do sítio do Caladinho. Quanto a *Sta*, novamente recordamos que o estudo do espólio proveniente desta intervenção arqueológica ainda se encontra numa fase preliminar, mas a pesquisa realizada até ao momento parece-nos indicar estarmos perante uma impressão rara ou, eventualmente, até inédita, de um oleiro de *terra sigillata* de tradição itálica.

AGRADECIMENTOS

Não podíamos deixar de agradecer à empresa Empatia Arqueologia, Conservação & Restauro a disponibilização dos materiais para estudo, ao Dr. Rodrigo Banha da Silva pelas informações prestadas sobre uma das marcas, e à Raquel Guimarães o desenho e trata-

mento informático dos dois exemplares aqui tratados.

Bibliografia

- Ettliger, Elisabeth; Hedinger, Bettina; Hoffman, Bettina; Roth-Rubi, Katrin; Kenrick, Philip M.; Pucci, Giuseppe; Schneider, Gerwulf; Von Schnurbein, Siegmund; Wells, Colin M. y Zabehlicky-Scheffenecker, Susanne 1990: *Conspectus formarum terrae sigillatae italico modo confectae*, Bonn: Habelt.
- Genin, M. *et al.* 2007: *La Graufesenque (Millau, Aveyron)*, Vol. II (*Sigillées lisses et autres productions*), Aquitania, Éditions de la Fédération Aquitania.
- Mataloto, R y Williams, J. 2015: "Terra sigillata Italica from Caladinho (Redondo, Portugal)", en J.C. Quaresma y J. Marques (coords.), *Contextos estratigráficos na Lusitânia (do Alto Império à Antiguidade Tardia)*, *Actas do colóquio na Associação dos Arqueólogos Portugueses, a 24 de Novembro de 2012 (Monografias da Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1)*, 13-24.
- OCK = Oxè, A.; Comfort, H.; Kenrick, P. 2000: *Corpus Vasorum Arretinorum: A Catalogue of the Signatures, Shapes and Chronology of Italian Sigillata*, 2ª edição, Antiquitas, 3. 41, Bonn: Habelt.
- Viegas, C. 2003: *A Terra Sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio*, Trabalhos de Arqueologia, 26, IPA, Lisboa.
- Recursos online
Samian Research. Names on Terra Sigillata. Corpus Vasorum Arretinorum / OCK. Disponível em <https://www1.rgzm.de/samian/home/frames.htm> (página consultada em 21/12/2020).